

ג' אומר אלהים יהי אומר

יכסא קה קץ החושך זקץ האור אפא

עלמים מזרח בחה משיה רוח

Fraternidade Jessênia

CANDIDATO AO DISCIPULADO AKOUSTIKOÍ	CONTATO 1
COMPANHEIRO DO SEGREDO	

רוח קדוש היחד מדרך



ÍNDICE

Introdução	2
Capítulo 1 As grandes religiões antigas que iluminaram Os caminhos espirituais da humanidade	6
Capítulo 2 O ensino cabalístico da comunidade jessênia	15
Capítulo 3 As cinco tradições iniciáticas adotadas pela comunidade jessênia	19

INTRODUÇÃO

Caro amigo, que se aproxima da Comunidade Jessênia pela primeira vez:

Nesse primeiro contato queremos apresentar-lhe a nossa Escola Sagrada, nossa oficina santa, e fornecer as informações preliminares sobre a obra magna e secreta que nela levamos adiante, que nos coloca dia e noite em plena e mui consciente ligação com os divinos Mistérios de Deus e de seus seres angélicos. Que esse seu empreito de nos seguir pelos caminhos dessas informações e revelações seja coberto de luz e lhe conduza a um bom termo.

Desde que o homem surgiu no planeta Terra, ele se destacou das demais criaturas e seres terrestres por possuir mente, capacidade de raciocínio e de assimilação de conhecimentos. Essas faculdades destinavam-se a fazer dele o dono e dominador absoluto deste planeta.

Com o passar do tempo, dos séculos e eras de sua existência na Terra, o homem, induzido por suas faculdades mentais, saiu da pré-história, da vida selvagem e animalesca, nômade, solitária e primitiva, para formar grupos maiores que o de sua família, para formar sociedades e civilizar-se. Ele passou, assim, a organizar cidades, constituir culturas, desenvolver técnicas agrícolas, pastoris, militares, de construção etc.

Durante esse desenvolvimento o homem teve que lidar com as forças da natureza, com o fogo, o relâmpago, os ventos, os maremotos, os terremotos, os vulcões, as inundações, o céu com suas estrelas, o sol, os planetas etc., procurando dominá-las e compreendê-las. Nas antigas sociedades civilizadas, um grupo de pessoas, preparadas por uma espécie de *escola*, destacava-se no estudo e nas tentativas de dominar as forças da natureza. Eles eram denominados de *sábios iniciados*. Devido ao fato de estudar os grandes mistérios da natureza, suas forças e as criaturas invisíveis que administravam essas forças, esse grupo de sábios era chamado de *Escola de Mistérios*.

Num período anterior ao do surgimento na Terra das Escolas de Mistérios, o estado de primitivismo do homem era tão agudo, que os grandes Seres Invisíveis, os Seres Angélicos de Deus, co-criadores e administradores da Criação, tiveram que descer à Terra, manifestar-se entre os homens e tirá-los do estado de criança, para direcioná-los a um estágio de adultez. Foram esses seres angélicos que inauguraram em nosso planeta as Escolas de Mistérios.

Os Anjos divinos ninaram o homem no início da sua vida terrestre, dando a ele as primeiras noções sobre a Deidade, ou seja, sobre Deus como ser superior e controlador da natureza, como fonte de tudo o que existe no universo. Essas noções tornaram-se os principais temas que os sábios antigos, mais tarde, desenvolveriam como conhecimento espiritual. Eles conheciam bem os métodos que os Anjos utilizavam para dominar as forças da natureza, para conduzi-las e controlá-las beneficentemente, de tal modo que aprendiam com eles esses métodos, constituindo-se como magos-sacerdotes. Também sabiam que os seres angélicos eram uma espécie de irmãos mais velhos dos homens, seus condutores, conselheiros e mestres, dotados de elevado e voluntário amor, devotados ao sublime e inimaginável Pensamento de Deus, à Sua Vontade e ao Seu plano de desenvolvimento da Criação.

Nos primeiros tempos da civilização humana na Terra os sábios detinham o conhecimento, expresso, então, em três grandes modos ou meios: pela arte, pela ciência e pela

religião. A religião era a elevada ligação dos homens com os Anjos, o conjunto de conhecimentos que faziam o elo entre o humano e o divino. A ciência era o conjunto secreto de conhecimentos sobre as forças da natureza, sobre as leis que regem os elementos naturais, o espaço, as estrelas, os minerais, vegetais e animais, que regem os relâmpagos, os ventos, a atmosfera, as temperaturas climáticas, que produzem os remédios, que geram no seio da terra os metais etc. A arte era o meio de escrever, registrar e gravar os conhecimentos secretos. Ela gerou a escrita hieroglífica no Egito antigo, constituída de desenhos e pinturas registradoras do conhecimento religioso e científico dos sábios. Na Índia a arte também expressou e registrou os profundos conhecimentos espirituais revelados pelos deuses (Anjos) aos homens. Nos templos hindus, os desenhos dos yogues praticando os secretos métodos libertacionais da Yoga, posições de Hatha Yoga (Yoga preparadora do corpo para purificá-lo e higienizá-lo através de exercícios ou ginástica, de banhos e lavagens internas e externas, para que ele recebesse as forças do espírito) jamais poderiam ser compreendidos e recordados se não fossem esculpidos ou pintados nas paredes dos templos.

No desenvolvimento do homem em sua existência terrena, o ápice da sua evolução deu-se quando ele aprendeu a falar, emitir voz, articular uma linguagem e expressar racional e inteligentemente os seus pensamentos. Sabemos o quanto é importante a língua e a cultura de um povo para que ele mantenha a sua sociedade e a sua nação. Os Anjos cooperaram intensamente para que o homem terreno pudesse aprender a falar. Com a fala, a humanidade terrestre passava a adquirir o controle mágico do som, técnica esta que na Índia foi registrada pela denominada Mantra-Yoga.

A Mantra-Yoga é um ramo do conhecimento espiritual hindu voltado ao uso mágico da voz. Os sábios antigos sabiam que Deus criou o universo através do som de Sua Palavra criadora, e que Ele, até hoje, controla a Sua Criação através da emissão de poderes sonoros. Os Vedas, a Escritura Sagrada ou Bíblia da Índia contam que a mãe de Krishna, (Deus supremo nascido na Terra, à semelhança de Jesus e Maria, no cristianismo), quis olhar dentro da boca do filho, e este sempre a impedia. Certa vez, surpreendendo-o, ela olhou por trás de seus lábios e, como que fulminada por uma visão extraordinária, caiu desmaiada. Após recuperar os sentidos com a ajuda de Krishna, este perguntou-lhe o que havia visto. Ela respondeu: *“Vi sóis, mundos, planetas, estrelas, luzes e deuses, que se movimentavam conduzidos e induzidos pelo som de Sua música tal como a música domina e determina o movimento dos dançarinos”*.

Em sânscrito, língua antiga da Índia, a palavra Mantra significa: **man**= mente; **tra**= libertação. Cantar uma música mágica, ou seja, cantar um mantra, é fazer a mente humana, onde estão as faculdades de assimilação do conhecimento, do raciocínio, do pensamento, da vontade, da razão, da intuição e da iluminação, soltar-se de si mesma, elevar-se e ligar-se ao mundo santo de Deus e de seus Anjos. Nessa ligação o homem recebe a força e o conhecimento necessários para o seu desenvolvimento espiritual. Os primeiros cristãos conheciam as técnicas de mantra-yoga sob a forma de orações de invocação. A maioria dessas orações era cantada segundo normas secretas, que só os iniciados conheciam.

Todas as línguas dos povos antigos surgiram para expressar os poderes sonoros que Deus e seus Anjos usam diária e constantemente, ininterruptamente, para regerem o movimento, a vida, as energias e a essência de tudo o que foi criado. O segredo da manipulação mágica da voz e da linguagem, o segredo das técnicas de Mantra-Yoga, foi entregue pelos anjos, no começo da civilização humana, aos sábios iniciados, que foram constituídos mestres das Escolas de Mistérios. Aqueles que desejavam aprender esses

segredos tinham que se dirigir às Escolas de Mistérios e pedir aos mestres ou sábios que a dirigiam, a admissão no grupo de discípulos. Essa admissão ficou conhecida com o nome de *Iniciação nos Mistérios*. O iniciado era o discípulo admitido no grupo interno de estudos dos três grandes ramos do conhecimento espiritual já mencionados: a arte, a ciência e a religião. Ele iria, para sermos mais claros, olhar para o interior da boca de Deus e contemplar todos os vastos segredos do poder sonoro criador divino.

Alguns sábios antigos deixaram na Terra seus nomes e seus ensinamentos como que marcados em letras de fogo. Fo-Hi, Rhama, Lao-Tsé, Confúcio, Akhenaton, Hermes, Zaratustra ou Zoroastro, Orfeu, Pitágoras, Sócrates, Platão, Moisés e Jesus são alguns deles. Jesus foi, dentre eles, o mais elevado; se os outros viram o interior da boca de Deus e o som de Seu Verbo ou Palavra criadora gerar e dinamizar a Criação, Jesus foi o próprio hálito sonoro de Deus.

Todos esses grandes instrutores da humanidade fundaram ou dinamizaram as Escolas de Mistérios. Eles dividiram os seus ensinamentos em dois grandes ramos: o *exotérico*, destinado à população em geral, aos homens das massas, à multidão que não apresentava aptidões necessárias para receber diretamente os altos segredos da sabedoria; e o *esotérico*, repleto dos altos segredos e mistérios acerca de Deus, de Suas forças, de Seus Anjos, e das forças da natureza, segredos profundos, que exigem daquele que os quer adquirir e dominar, uma aptidão toda específica, bem como elevados dons de dedicação, disponibilidade, bondade, moral e devoção. Esse é o ensinamento destinado aos discípulos do grupo interno das Escolas de Mistérios.

Evidentemente que, por pertencer somente a poucos, a uma elite muito seleta e nobre, o conhecimento esotérico tem a tendência de sempre desaparecer da Terra, enquanto que o exotérico, arraigado entre as multidões, tem maior tendência de permanecer pelos séculos afora. Assim, dos ensinamentos dos grandes sábios do passado, os registros só dão conta do pensamento mais resumido, mais geral, mais acessível ao povo. O outro, o esotérico, desapareceu quase que completamente, deixando apenas sinais esparsos e quase imperceptíveis de sua existência.

Reside nesse fato um problema que gerou muitos conflitos na história das sociedades humanas, muitas disputas religiosas e o derramamento de muito sangue. Como o ensinamento esotérico dos grandes instrutores espirituais desaparece, ficando apenas o mais geral, o exotérico, a Inteligência divina viu-se forçada a enviar de volta à vida terrestre esses mestres que, de tempos em tempos, recuperam os ensinamentos perdidos, e reformam o ensinamento mais geral, adaptando-o para novos tempos. Mas, no seu retorno, os instrutores encontram o antigo ensinamento, além de deturpado, elevado ao grau de verdade exclusiva, manipulado por senhores pretensiosos, que se nomeiam únicos e fiéis representantes daquela doutrina. Os mestres reformadores, ao retornarem à Terra, acabam por se tornar inimigos dos representantes da religião que pretendem reformar e recuperar o lado esotérico. Dessa forma, pretendendo defender a originalidade do pensamento exotérico de uma linha de ensinamento, os seus representantes acabam por perseguir e assassinar os enviados da luz. O caso de Jesus Cristo foi o mais destacado de todos esses ataques feitos contra os mestres-profetas de Deus. Ele próprio, tendo em vista esses ataques, lamentou profundamente às portas da cidade israelita de Jerusalém, dizendo: *“Jerusalém, Jerusalém, que mata e apedreja os meus profetas. Quantas vezes eu quis ajuntar-te como a galinha ajunta os seus pintinhos, mas tu o recusaste”*.

Jesus estava, em seu tempo, reformando a velha religião de Moisés, em seu aspecto exotérico, e rerepresentando os desaparecidos aspectos esotéricos do ensino daquele profeta israelita. Em Jerusalém residiam os representantes da religião de Moisés. Eles achavam que Jesus era um grande inimigo, intencionado em deturpar os ensinamentos antigos, e introduzir invenções, novidades e falsas doutrinas. Obcecados por essas opiniões, mostraram fortíssima resistência e oposição aos ensinamentos de Jesus.

Na época em que se manifestou na Terra, Jesus enfrentou, além das dificuldades com os representantes legais da religião de Moisés, as condições peculiares daquela era. Mais tarde iremos entender quais são esses aspectos, visto que eles são muito importantes para entendermos os esforços dos grandes enviados da luz, dos mestres instrutores da humanidade, e cooperemos com o desenvolvimento do trabalho espiritual por eles inaugurado na matéria, no seio das civilizações humanas.



CAPÍTULO 1

AS GRANDES RELIGIÕES ANTIGAS QUE ILUMINARAM

OS CAMINHOS ESPIRITUAIS DA HUMANIDADE

Mencionamos Moisés, o grande profeta e líder da antiga nação de Israel. A história desse povo, que desde tempos antigos instalou-se no Oriente Próximo, nas praias do Mar Mediterrâneo, constitui parte do livro espiritual que conhecemos como Bíblia.

Antes de Moisés, a nação israelita, no início de sua formação, tem como patriarca Abraão, natural duma antiga cidade caldaica denominada Ur, situada na região conhecida historicamente como Mesopotâmia. Esse homem recebeu especial atenção tanto de grandes mestres como da onda invisível de seres angélicos. Esses mestres e Anjos retiraram-no do seio de sua família, de sua terra natal e transmitiram-lhe os conhecimentos espirituais, ao mesmo tempo em que o faziam migrar pelas terras orientais até o Egito, onde outros grandes mestres administravam Escolas de Mistérios que seguiam linhas de conhecimentos sagrados muitíssimo antigas, reformando-as de tempos em tempos, sempre recuperando e mantendo os seus aspectos esotéricos de forma viva e eficiente.

A religião egípcia ensinava aos seus discípulos que Deus era, em sua manifestação cósmica, pura luz, e, por causa disso, habitava todos os corpos luminosos, em especial o Sol. No trono do Sol, ensinavam os antigos mestres egípcios, utilizando-se das forças luminosas, Deus regia a vida terrestre e todas as manifestações da Criação na Terra. Os instrutores egípcios ensinavam aos seus discípulos que cada ser humano guardava dentro de si a possibilidade de assimilar essas forças e com elas realizar a transformação e o aperfeiçoamento de seu interior, de sua mente, e do mundo que o cercava. À medida que ele dominava essas forças, transformava-se num mago-sacerdote. Continuando o seu aperfeiçoamento, o homem transformado em mago-sacerdote podia construir um corpo espiritual próprio para habitar no seio puro, imutável e eterno da luz solar.

Quando Abraão desceu para o Egito, encontrou o clero daquela nação ocupado em instruir seus discípulos nos elevados arcanos, ou aspectos dessa doutrina, acerca da manifestação de Deus nas forças solares. Ele conviveu com os dignatários da doutrina egípcia e com os mestres que o retiraram da sua cidade na Caldéia. Desses contatos surgiu o corpo de doutrinas da primitiva nação israelita. Depois de Abraão, Isaque, seu filho, seguiu o caminho espiritual dos mestres de seu pai, e seu filho, Jacó, também seguiu a mesma linha de doutrina. Jacó teve doze filhos. Cada qual, com a sua descendência, deu origem a uma tribo da nação de Israel. Durante esse tempo, os israelitas habitavam tanto a região conhecida mais tarde como Palestina, quanto o Egito, aprendendo junto deles os grandes segredos do conhecimento espiritual, da sabedoria divina.

Com o passar dos anos, a nação israelita caiu sob o poder de um faraó egípcio denominado Ramissés, e de amiga tornou-se escrava, sofrendo toda sorte de opressões e de serviços forçados. Foi quando nasceu entre os israelitas, também conhecido como hebreus, Moisés.

O faraó Ramissés com receio de um supercrescimento populacional dos israelitas baixou um decreto, mandando matar toda criança do sexo masculino que as mulheres hebréias

pudessem gerar. Utilizando-se de um ardil, a mãe e a irmã de Moisés ocultaram-no até a idade de seis meses. Não podendo mais escondê-lo, a mãe de Moisés e sua irmã colocaram-no numa cesta impermeabilizada e atiraram-no no rio Nilo. A criança desceu o rio flutuando e acabou dando num lugar que as princesas egípcias tomavam banho. Uma delas, notando que o menino no cesto era hebreu, quis adotá-lo; entretanto, a irmã do menino, que seguiu o cesto pelas margens, aproximou-se e, alegando que a criança precisaria ser amamentada, pediu que pelo menos a princesa permitisse uma hebréia amamentá-lo. Uma vez recebendo a autorização, a irmã de Moisés levou-o de volta à sua verdadeira mãe.

Quando Moisés passou da fase de amamentação, foi devolvido à princesa egípcia, que o criou até a fase de adolescente; nessa idade era costume no Egito entregar os jovens da realeza para que os sacerdotes os observassem e cuidassem de sua educação; aqueles que tinham dons comerciais eram preparados para o comércio, os que tinham dons militares eram entregues para o exército, e os que tinham dons espirituais eram levados para a Iniciação.

A Iniciação era o processo de admissão de discípulos no sistema religioso e filosófico das crenças espirituais egípcias. Moisés, ao ser entregue para os sacerdotes, acabou recebendo a Iniciação. Ele foi levado para Tebas e Menfis, centros importantes do clero egípcio, onde recebeu o conhecimento esotérico, ou seja, secreto e elevado, que incluía o estudo da astrologia, da magia, da filosofia, das ciências alquímicas, da medicina, do secreto processo de mumificação, da arte de escrever ou desenhar os hieróglifos templários e tumulares, bem como de copiar o Livro Egípcio dos Mortos.

Durante os seus altos estudos esotéricos, Moisés foi descobrindo que por detrás de todo conhecimento que os mestres egípcios lhes passavam, sobressaía a crença em um Deus supremo, criador e mantenedor do universo, rodeado de uma *companhia de deuses*, ou seja, de seres muito sublimes, elevados, que podiam nascer na Terra, entre os homens terrenos, mergulhados na matéria, para civilizá-los, educá-los, transmitir-lhes conhecimento espiritual e conscientizá-los de que a vida terrestre era uma peregrinação no erro, na dor, na miséria, nas doenças e no sofrimento, e que só se tornava útil se o homem a direcionasse para a realização espiritual, para a Iniciação. A Iniciação consistia em uma série de procedimentos aonde o discípulo ia purificando o seu ser interior, a sua alma e a sua mente, até alcançar uma ligação com o reino dos deuses, uma ligação com a luz suprema de Deus e de seus deuses. A medida em que essa ligação ia se tornando mais forte e mais plena, o discípulo alcançava a capacidade de construir um outro corpo físico, invisível, imutável, eterno, com o qual ele podia passar para uma existência eterna.

Todo esse conhecimento também existia entre os poucos sacerdotes hebreus que foram escravizados pelo faraó Ramissés. Moisés pôde constatar a conservação da tradição santa dos hebreus pelos sacerdotes; eles guardavam zelosamente os ensinamentos entregues a Abraão, a Isaque e a Jacó, bem como aos doze filhos de Jacó, denominados Doze Patriarcas. Essa Tradição precisava, porém, recuperar a sua parte esotérica inteiramente, e renovar a parte exotérica, para que pudesse, por um lado, gerar profetas e iniciados, e por outro, um povo regido por leis sociais mais espirituais, mais justas, mais coesas e mais eficientes.

Quando Moisés entendeu que era sua missão reformar a tradição semita, a tradição dos israelitas, então iniciou uma longa peregrinação por outros centros iniciáticos do oriente, sendo o mais importante aquele chefiado por Jetro, hierofante dos povos do deserto de Sião, da península árabe. Quando do seu encontro com Jetro, Moisés contactou a tradição oriental mais antiga da terra, e conheceu a sua esposa Ziporáh. Foi também nessa época que ele,

pastoreando o gado de seu sogro, aproximou-se do Monte Orebe e recebeu lá uma visão mágica, entrando em contato com uma manifestação dos deuses de Deus, com os Anjos divinos do mundo da luz. Ali ele recebeu oficialmente a sua incumbência profética de reformador da religião esotérica e exotérica do povo israelita.

Moisés retirou-se do Monte Orebe, do monte de sua visão celeste, elevado ao grau de legislador e profeta de Deus. Ele retornou para o povo hebreu escravizado no Egito e começou um processo político e espiritual de libertação deles. Diversas vezes ele teve de enfrentar o faraó Ramissés, e os sacerdotes egípcios, até que, por fim, conquistou a libertação de seu povo.

Passando pelo Mar Vermelho e guiado por Moisés, a nação israelita partiu para uma peregrinação pelo deserto da Península Sinaítica que durou quarenta anos. Durante esse período Israel recebeu os primeiros livros de sua Bíblia, o Pentateuco ou Toráh, composto dos cinco livros chamados de Moisés, que são o Gênesis, o Êxodo, o Levítico, os Números e o Deuteronômio.

Após os quarenta anos de peregrinação pelo deserto, os israelitas acabaram por chegar às terras de Canaã, que conquistaram após duras guerras. Aquela região tornou-se, então, o país de Israel, dividido em doze tribos, e organizado como uma nação sacerdotal, regida pelos mestres espirituais, detentores do lado esotérico e exotérico da Toráh.

O lado esotérico, confiado aos profetas e aos sábios, recebeu mais tarde o nome de **Cabala**. O lado exotérico era ministrado ao povo pelos sacerdotes. Os profetas e mestres sabiam muito bem que Moisés foi encarregado de levar a alta Iniciação egípcia ao povo hebreu através de uma reforma que ele promoveu através de seus contatos proféticos com Deus e com a *companhia de deuses*, ou seja, com os Anjos divinos que rodeiam Deus.

Os rituais e as festas santas tais como a Páscoa, o Sabbath, o Pentecostes, o dia da Expição, a Festa das Tendas, eram observadas segundo um calendário solar secreto e baseado nos conhecimentos astrológico citados nos Livros de Henoque e num outro livro denominado Livro dos Jubileus. Essas festas litúrgicas eram, pois, comemoradas entre um grupo de iniciados conhecidos como essênios conforme rigorosas observações astrológicas dos chamados *ototh schamaim* ou sinais dos céus, dos astros e da posição celeste deles e das estrelas. Os sacerdotes e altos iniciados da comunidade essênia observavam no céu astrológico a roda do destino humano e, conforme essas observações, eles organizavam as medidas secretas a serem adotadas para que pudessem trabalhar na matéria, entre os homens. As estrelas, segundo os livros de Henoque, apresentavam configurações específicas conforme o transcorrer dos dias do ano solar, cada configuração dessas era como que um livro celeste escrito em caracteres secretos, que somente os essênios iniciados podiam ler e interpretar. Desse livro celeste os essênios conheciam algumas páginas especiais, nas quais liam profética e escatologicamente¹ o advento do surgir no céu de suas observações as *ototh cohrah Mashiar* ou sinais da Estrela do Messias ou Cristo². Observando astrologicamente os sinais celestes, os

¹ **Escatologia:** Estudo das previsões proféticas futuras, ou estudo das coisas que acontecerão ou estão previstas para o futuro.

² **Messias ou Cristo:** a figura de um Messias surgiu no judaísmo anterior a Jesus através das revelações feitas por profetas tais como Isaias, Habacuque ou Zacarias, segundo os quais esse Messias seria a manifestação de um ser celeste que surgiria em Israel encarnado como um rei e sacerdote, para restaurar a independência política e militar daquele país, bem como para reformar a religião de Moisés, fazendo-a recuperar suas características e aspectos espirituais e esotéricos primitivos.

essênios perceberam que a vinda do Messias estava próxima, e esperavam-na para perto daqueles dias em que viviam. Durante a celebração de seus rituais litúrgicos, os essênios procuravam organizarem-se de forma tal que pudessem entrar no mundo angélico celeste e cantar louvores junto às moradas santas dos Anjos.

Jesus apareceu com a sua Estrela de Belém certamente naquela época esperada pelos essênios. Os magos persas, que também observavam os *ototh schamaim* ou sinais celestes, vira a sua estrela e vieram trazer-lhe presentes.

Aos doze anos Jesus foi ao templo de Jerusalém e encontrou um grupo de mestres cabalistas com quem manteve conversas de cunho esotérico, causando enorme admiração naqueles sábios. Conta-nos antigas tradições que Jesus leu e teceu comentários ou pescherim (palavra hebraica que é plural de pescher, que significa *comentário*) acerca dos livros proféticos de Isaías e Habacuque, usando altos conhecimentos cabalísticos, através dos quais ele media, pesava e calculava cada letra hebraica do texto daqueles livros proféticos, mostrando aos sábios as datas e os sinais celestes que anunciavam a vinda do Messias. Tais conhecimentos eram muito secretos, transmitidos muito raramente a um círculo muito fechado de sábios, cujas idades deveriam ser igual ou maior que cinquenta anos. Ver em um menino de doze anos a capacidade e a arte oculta de operar os grandes arcanos da Cabala era mesmo de causar espanto e admiração.

Muitos desses arcanos eram difíceis de se elucidar por serem referentes aos denominados Mistérios Maiores e por tratarem da preparação cósmica e macrocósmica da encarnação do Messias ou Cristo. Esses arcanos formaram, no cristianismo nascente, uma série de instruções secretas, guardadas apenas pelos chamados cristãos gnósticos, os quais constituíram o grupo cristão que guardou o aspecto esotérico do corpo de instruções e ensinamentos de Jesus, e o Caminho da boa Iniciação.

Foi o grupo dos cristãos gnósticos um dos que mais contribuíram para o conhecimento jessênio atual das medidas adotadas para se enfrentar de modo positivo e verdadeiramente iniciático uma nova era. Assim, durante o desenvolvimento das 1122 lições do discipulado da Comunidade Jessênia, sempre estaremos perto da tradição gnóstico-cristã, eis o porque se torna muito importante conhecermos os grupos gnósticos-cristãos, seus ensinamentos secretos, seus rituais, sua linguagem de Mistérios, seus ensinamentos sacerdotais e terapêuticos. Os gnósticos foram, ao nosso ver, os primeiros psicoterapeutas da Era de Peixes, e, sob a inspiração do Apóstolo Paulo, dividiram a grande sociedade humana sobre a terra em três grandes grupos: o grupo dos *hylicos* ou materialistas, que não possuem nenhuma capacidade espiritual; os *psíquicos*, que possuem certa capacidade espiritual, mas não ultrapassam o nível da fé religiosa; e os *pneumáticos*, que possuem nas profundezas de seu ser uma semente espiritual, uma centelha-espírito, que os tornam capazes de assimilarem a vida espiritual em seus mais elevados aspectos, podendo, inclusive, penetrar na sabedoria dos Mistérios e receber dela uma redenção verdadeira e perfeita.

Na aurora do cristianismo, quando os apóstolos ainda estavam vivos e atuantes, os ensinamentos de Jesus foram guardados de forma oral, e divididos em ensinamentos públicos ou exotéricos, e ensinamentos secretos ou esotéricos. Os ensinamentos esotéricos eram muito próximos da Cabala e dos aspectos esotéricos do judaísmo, da Religião original de Moisés, bem como do ensinamento profético dos essênios, pois Jesus estudara junto à sagrada Comunidade Essênia. Entretanto, novos e importantes elementos foram criados dentro da comunidade cristã primitiva, visando desnacionalizar o conhecimento secreto da tradição

semita, e assimilar a tradição gnóstico-helênica, ou seja, as tradições vindas da Grécia. Assim, ainda que em semente, o cristianismo primitivo continha elementos de universalização, de assimilação de outras tradições. O reconhecimento desses elementos causou muita polêmica e deixou marcas nas escrituras cristãs, tais como as que podemos verificar nas cartas de Pedro e de João, onde percebemos, ora, uma helenização indesejável e sem critérios, combatida a todo custo pelos apóstolos (ou, segundo alguns estudiosos modernos, por discípulos destes, que, para darem autoridade aos documentos escritos por eles, deu-lhes autoria pseudoepígrafa. A Pseudoepigrafia é um costume literário antigo, onde o escritor escondia a sua identidade atrás da de outro escritor, mais antigo e mais famoso que ele), ora uma helenização verdadeira, porém secreta, que não podia ser assentada em escritos, por isso, era apenas indicada em leves níveis, para serem abordadas mais profundamente em círculos mais internos e especiais, que cristãos como Orígenes e São Clemente de Alexandria denominavam de ‘círculo dos Iniciados nos Mistérios Maiores’.

Em uma obra de sua autoria denominada *Stromata*, São Clemente diz: *“Aqueles que ainda são cegos e mudos, e sem entendimento, ou não possuem a clara e penetrante visão da alma contemplativa, hão de ficar fora do coro divino. Por isso, de acordo com o método oculto, a Palavra verdadeiramente sagrada, verdadeiramente divina e muito necessária a nós, depositada no sacrário da verdade, era indicada pelos egípcios pelo que chamavam de Adyta, e entre os hebreus de o véu. Só os consagrados tinham o direito de chegar-se a ela. Também Platão pensou que não era de lei que os impuros tocassem o puro. Por isso as profecias e os oráculos eram proferidos em enigmas para o povo inculto e sem a necessária instrução. Não é, pois, desejável que todas as coisas sejam expostas indiscriminadamente a todos, ou que os benefícios da Sabedoria sejam comunicados aos que nem em sonho foram purificados em sua alma, porque não se pode permitir que venha à mão de um advena ou forasteiro qualquer o que com tantos esforços foi procurado e adquirido. Nem se deve expor ao profano os Mistérios da palavra. Os Mistérios foram estabelecidos para o benefício de conceder-se a santa e abençoada contemplação das realidades ocultas. Assim, pois, de uma parte há Mistérios que eram ocultos até o tempo dos apóstolos, e que por estes foram comunicados como eles o receberam de Jesus, e estes Mistérios, ocultos no Velho Testamento, foram manifestados aos santos e preparados. E de outra parte há as riquezas da glória dos mistérios dos pagãos, que é a crença e a fé em Jesus Cristo. A Instrução que revela coisas ocultas chama-se Iluminação, e esta é o único instrutor que descobre a chave que abre a arca.”*

Orígenes escreve em seu livro *De Principiis* as seguintes palavras: *“As Escrituras Sagradas têm um sentido que é aparente à primeira vista, e um outro que a maioria dos homens não percebe. Porque são escritas em forma de certos Mistérios, e à imagem de coisas divinas. A respeito do que há uma opinião em toda a Igreja, que toda a Lei em verdade é espiritual, porém que o sentido espiritual da Lei não é conhecido a todos, mas apenas aqueles que receberam a graça do Espírito Santo na palavra de sabedoria e conhecimento”*. Assim, os primeiros cristãos sabiam que dois tipos de pessoas se achegariam ao cristianismo, um tipo sem o toque pneumático, e, portanto, incapaz de aproximar-se da salvação pelo conhecimento e pela sabedoria dos Mistérios, mas possuindo apenas capacidade de assimilar pela fé o lado superficial da Lei; o outro tipo, tocado pelo dom pneumático, pela centelha-espírito, que possuiria plena capacidade de assimilar os conhecimentos e a sabedoria dos Mistérios divinos e descer ao nível profundo e espiritual da Lei, podendo gozar de completa iluminação e redenção.

Achamos, portanto, importante definir melhor o que são os Mistérios, como eles são transmitidos e o que eles proporcionam para aqueles que estão preparados para recebê-los. É bom, também, saber como que os Mistérios chegaram aos grupos esotéricos da Palestina anterior e contemporânea a Jesus, bem como, saber de que forma esses Mistérios deram, no cristianismo nascente, origem ao grupo esotérico dos cristãos gnósticos.

A Religião dos Mistérios é, geralmente, definida como *culto secreto, culto dos antigos sacerdotes gregos*, baseado em um conjunto de crenças antigas e destinadas a um grupo especial de pessoas, preparadas para entendê-lo de modo completo e profundo. A palavra *Mistérios* vem do grego *mysterion*, que significa cerimônia religiosa secreta, e aparenta-se com os seguintes termos gregos: *Mycós*: a parte mais profunda da alma, onde jaz a semente pneumática, transcendente à razão, ao raciocínio e à inteligência, que a cerimônia de Mistérios toca para despertar a Gnosis, ou seja, o verdadeiro conhecimento; *Myo*: o estado em que a razão, o intelecto e a vontade comum do homem mortal são silenciados, para que o homem imortal possa abrir seu *mycós*, ou seja, os ouvidos de sua alma, e ouvir a voz do silêncio, que o hierofante produz não somente com a sua boca, mas também com o som dos novos chacras de seu novo corpo astral. Este som pronunciado magicamente pelo instrutor ou hierofante vibra no local sagrado onde ele reúne a sua comunidade secreta; *Mystas*: lábios fechados, segredos revelados somente aos iniciados capazes de silenciarem as suas faculdades mentais; *Myeo*: iniciação ou consagração nos Mistérios.

Conforme o que descrevemos acima acerca dos termos gregos com significados e raízes próximos da palavra Mistérios, podemos entender que os essênios se organizaram como Comunidade ou Escola de Mistérios. Podemos também, deduzir a causa do costume deles de permanecerem durante o dia o maior tempo possível em silêncio, o que serviu para que eles ficassem conhecidos pelo apelido de *os calados*.

A Gnosis, o conhecimento que advém da iluminação, da mente que se silencia para dar lugar ao afluir das forças interiores da alma, especificamente da parte dessa alma denominada *Mycós*, é como uma voz interior, um murmúrio ou sussurro, que instrui o discípulo em seu Caminho iniciático. Essa voz pode tocar a alma de uma outra pessoa e conduzi-la à Senda iniciática; essa é a verdadeira missão do hierofante ou fundador de uma Escola de Mistérios. Ele não vai até as praças públicas, até aos centros onde a população se concentra, para exercer a tão mal entendida pregação; não. Do interior de seu coração, do âmago de sua alma sanguínea, a Voz hierofântica se faz ouvir por todos aqueles que têm ouvidos.

De maneira mais ou menos parecida, a Cabala encaixa-se nestes mesmos aspectos. Ela também é ensinada para grupos especiais de pessoas, em circunstâncias muito particulares. Em hebraico, a palavra *Cabbaláh* significa conhecimento oculto transmitido oralmente, sussurrado de boca a ouvido.

Desta forma, os gnósticos cristãos, ou seja, o grupo esotérico cristão que conservou e helenizou harmoniosamente os ensinamentos secretos de Jesus, constituíram a primitiva Escola de Mistérios Cristã. Eles avançaram na Senda iniciática aberta por Jesus e desenvolvida pelos jessênios (pelos apóstolos de Jesus e seus discípulos), até que puderam alcançar o dom da Voz Hierofântica, ou seja, alcançaram o dom de produzir um campo invisível de forças sonoras, dentro do qual poderosas correntes ígneas se manifestaram, correntes estas carregadas de instruções sagradas, que tocam a *mycós* da alma do candidato aos Mistérios e desperta-a, abrindo os seus ouvidos para um entendimento superior, abrindo a sua visão para a contemplação das coisas divinas.

Os gnósticos cristãos puderam, então, constituir um corpo de doutrinas esotéricas animado pelo espírito da Verdade, aquecido pelo fogo da Palavra divina, da voz Hierofântica, iluminado pelo sopro dos Anjos santos e pela presença radiante e gloriosa do Cristo de Deus. Os antigos egípcios ensinavam que o sacerdote dos Mistérios deveria possuir *Maa Keru*, ou seja, uma voz capaz de proferir palavras de forte poder mágico, palavras pronunciadas corretamente dirigidas para os céus, donde elas retirariam fortes correntes astrais de poder mágico; por meio destas palavras é que ele celebraria as festas e rituais de Mistérios, envolvendo a platéia de discípulos com o sopro de sua *Maa Keru*.

Jesus também soprou sobre os seus discípulos, para que eles recebessem o *pneuma aggion* ou Espírito Santo. Os gnósticos, em suas cerimônias de Mistérios, abanavam os discípulos com uma varinha metálica dotada de asas, ordenando-os a receberem o Espírito Santo.

No documento 1QH, dos Manuscritos essênios do Mar Morto, podemos contemplar todos esses temas acima abordados. Lá, o Mestre da Retidão, na qualidade de hierofante dos essênios de Qumran, explica como que Deus alterou o ritmo das suas palavras e corrigiu a sua boca, para que ele pudesse proferir instruções esotéricas verdadeiras. Também Isaías, no capítulo 5 de seu livro, explica que os Querubins e Serafins, Anjos santos de Jehováh, buscaram dentro do fogo solar brasas vivas para colocarem na boca daquele profeta, para que ele pudesse proferir palavras ígneas e poderosas. Os Serafins buscam brasas com um instrumento misterioso, denominado em hebraico *tanakim*, que, pela falta de opção de equivalente em outras línguas, foi traduzido por pinças do altar.

Reportando-nos novamente para o seio dos Mistérios egípcios, no cerimonial de mumificação do Livro Egípcio dos Mortos, temos, também, uma estranha pinça ou instrumento denominado abridor de boca, que, ao abrir a boca do morto, dava-lhe a capacidade de recuperar a fala e proferir, diante dos seus inimigos no além, palavras de poder mágico.

Esse instrumento egípcio em questão aparece nos mais diversos textos hieroglíficos, muitas das vezes relacionados a períodos astrológicos específicos, levando-nos a crer que a cerimônia do endireitamento ou abertura da boca do defunto se modificava ou se adaptava aos aspectos astrológicos de cada era zodiacal. Observando ainda mais, de modo mais profundo e esotérico, o defunto, ao ter a sua boca aberta através de um ritual que se alinha em conformidade a um período astrológico corretamente observado, poderia proferir palavras de Mistérios referentes a aquele período, revelando, assim, as nuances, características e aspectos inerentes a aquele ciclo zodiacal.

O cristianismo, por exemplo, em sua história, passou por períodos específicos que, aos olhos do conhecimento oculto, recebeu marcas astrológicas profundas. Os seus setecentos primeiros anos foram marcados firmemente pela transição entre a Era de Áries que chegava ao seu término, e a Era de Peixes nascente. Na iconografia cristã desta época, a figura do *cordeiro crucificado* cedeu lugar para a da *cruz com os dois peixes* e para a *cruz com letras gregas* α (alfa) e Ω (omega), sendo que a letra a era, ao mesmo tempo, letra e desenho simples de um peixe. A comunidade das catacumbas³ romanas, que se utilizou dos túmulos

³ A **comunidade das catacumbas** de Roma existiu e sofreu perseguições entre os séculos II e III d. C.. Os cristãos das catacumbas eram marginalizados e perseguidos pela lei romana, usando aqueles cemitérios para se

subterrâneos da periferia de Roma para esconderem-se de perseguições, e deixou lá diversos desenhos, frases e pinturas, colocou em sua iconografia sagradas as marcas dessa transição.

O cristianismo dos anos setecentos a mil e quatrocentos depois de Cristo, apresentava-se já adaptado às condições astrológicas da Era de Peixes. Os grupos esotéricos cristãos desse período, tais como os priscilianos, os neo-maniqueus, os bogomilos e os cátaros utilizaram-se da cruz com peixes de modo mais constante. Um outro símbolo da Era de Peixes, a ostra e as suas pérolas aparecem principalmente entre os grupos neo-maniqueus. Entretanto, das sombras de um passado ainda mais remoto, de forma um tanto obscura e, naquela época, muito oculta, surgiu durante o período dos anos 700 a 1400 d.C. a figura aquariana da taça do Graal, do Vaso Celeste repleto do líquido uraniano de Aquários. Os cátaros, grupo cristão esotérico do sul da França, cujo último hierofante foi assassinado no fim do século XIII d.C., tornaram a figura do Graal um símbolo futuro do cristianismo. Dos anos mil e quatrocentos a dois mil e cem depois de Cristo, a atuação é dos Templários, dos Maçons e dos Rosacruz. Eles apresentam o Graal, a taça aquariana dos rios uranianos e jupiterianos.

O símbolo sublime do Graal é o pássaro pelicano bicando o seu peito até ferir seu coração e derramar o seu sangue redentor. Em Áries o Cristo era o *cordeiro de Deus*, em Peixes ele era *Peixe da raça celestial angélica*, em Aquários ele é o Pelicano ferido e sangrante. O cordeiro tem como tarefa receber o fogo solar de Deus. Neste fogo o oceano astral celeste, o oceano de astros, cederá para combustível toda mancha elementar animal. Neste período o culto israelita e mundial colocava no altar animais para o sacrifício, e os faziam arder nas chamas. Este é o período dos sacrifícios de animais. O peixe é o animal que tem como tarefa à purificação da matéria cósmica que forma os corpos sutis do homem e dos animais. Esse é o período em que a medicina e a navegação se desenvolvem, domina-se, portanto, os mares, e o ritual hebraico da circuncisão é substituído pelo batismo e pelas lustrações através da água. Áries purifica pelo fogo, Peixes pela água, o pelicano mistura o fogo e a água, produzindo o sopro, o ar. A era do pelicano é a das conquistas aéreas e espaciais. As asas do pelicano produzem o vento, o bico fere o coração da luz, donde jorra a seiva áureo-rubra dos éteres santos, que são sopros sutis e voláteis derramados no Graal divino que os buscadores da Verdade têm de achar e dele se alimentarem. Dentre esses éteres, um dos mais importantes é o *Arqueu*, sem o qual nenhuma medicina, nenhum remédio, nenhuma cura é eficaz. Outro éter exalado do bico sangrante do pelicano é o *éter elétrico*, também denominado de mágico, pois ele é à força de todos os atos mágicos; quando os cristãos simbolizam o Espírito Santo pelo duplo SS colocado dentro do círculo e rodeado por sete pombas, estão indicando as sete correntes de éteres elétricos provenientes da ação do Espírito Santo na atmosfera da Terra. Este duplo SS é um dos símbolos aquarianos mais sagrados da atualidade.

Pelo exposto até aqui, verifica-se que a Comunidade Jessênia moderna, ao adotar o símbolo do Graal, do pelicano e do duplo SS com as sete pombas, está se colocando, em todos os sentidos, como uma Escola de Mistérios especificamente manifestada para esta nossa atual era. Ela convida a todos os pesquisadores para apreciarem de modo livre e consciente os seus arcanos e a sua Doutrina de Mistérios. Primeiramente esses pesquisadores são admitidos como estudantes dos seus trinta e quatro graus secretos. Nessa etapa os estudantes podem receber as mil cento e vinte e duas lições e os contatos, sem adentrarem às correntes das

esconderem ou praticarem o culto cristão, então proibido em Roma. Eles constituíram um grupo esotérico cristão com crenças bem diferentes das consideradas tradicionais ou ortodoxas, e que produziram um conjunto de desenhos e símbolos que expressavam os ensinamentos esotéricos de Jesus e dos apóstolos.

Távolas, ou seja, a um dos muitos grupos de doze estudantes da Comunidade Jessênia. Só serão admitidos nas Távolas aqueles que puderem abrir os ouvidos da alma, que puderem preparar as faculdades mentais e conduzi-las ao silêncio, aqueles que derem provas inquestionáveis de persistência, paciência e devoção perante os seus erros e constantes fracassos na Senda. A Comunidade Jessênia dispõe de todas as ferramentas e conhecimentos necessários para se preparar para as radiações da Era de Aquários, colocando-se como um grupo esotérico moderno verdadeiramente apto a oferecer Iniciação genuína. Os nossos estudantes terão que ter absoluta e inquebrantável força de vontade, dedicação, devoção e esforço para poderem participar dessas características de nossa Escola.



CAPÍTULO 2

O ENSINO CABALÍSTICO DA COMUNIDADE JESSÊNIA

A Comunidade Jessênia, por reunir todos os conhecimentos pertencentes à denominada Sabedoria Antiga, bem como o sistema clássico de Iniciações, porta-se publicamente como uma Escola de Mistérios, tendo o seu corpo doutrinário exotérico e o seu corpo doutrinário esotérico. Ela a si mesma classifica como Escola Cabalística porque oferece aos seus alunos o antigo e místico ensino esotérico referente ao Velho Testamento bíblico e à religião de Moisés. Esse ensino ficou conhecido ao longo dos dez primeiros séculos depois de Cristo como Cabala.

Se formos acompanhar a história do conhecimento esotérico oculto atrás do Velho Testamento bíblico, teremos de mergulhar até ao tempo em que o próprio Moisés estabeleceu para auxiliar seus setenta homens denominados de *sábios anciões*, os quais receberam dele o conhecimento mais sublime e mais secreto acerca da Natureza de Deus, acerca dos divinos poderes construtores de Deus, das forças que fazem o universo e suas criaturas moverem-se, desenvolverem-se e viverem etc. Eles formavam um colégio de sábios, uma Escola de Mistérios, e admitiam nela todos aqueles que queriam aprender os elevados Mistérios celestes. Foi nessa Escola que os grandes profetas tais como Davi, Salomão, Daniel, Ezequiel, Joel, Jeremias, Elias e muitos outros, alcançaram a Iniciação.

No tempo de Salomão, terceiro rei de Israel, esse colégio de anciões sábios estava chefiado por Sadoc, um sacerdote cuja personalidade era cercada de enigmas. A tradição cabalista conta-nos que ele não só representava o conhecimento secreto cabalístico, mas possuíam contatos com outros centros de Iniciação do mundo antigo, tais como os núcleos de Tebas, no Egito, em Tiro, na Fenícia, de Melquisedeque, no deserto do Gobe - entre o Nepal e o Thibet -, todos esses locais considerados, na época de Sadoc como lugares da mais alta iniciação sacerdotal do mundo antigo.

Os discípulos de Sadoc formaram bem mais tarde, depois da época dos profetas, a Escola de Mistérios dos Essênios, conhecida na história como **Comunidade Essênia**, e, atualmente, depois das descobertas dos Manuscritos do Mar Morto em 1947, como Comunidade de Qumran. Parte desses discípulos continuaram a formar o colégio dos sábios anciões de Israel, e, após a destruição de Jerusalém em 70 d.C., pelas tropas romanas do general Tito, um alto sacerdote e sábio ancião, denominado Rabino⁴ Schimeon ben Yohai, escapou de ser assassinado, fugindo primeiramente para a Galiléia, onde, juntamente com oito outros rabinos, acendeu a chama do conhecimento esotérico acerca do Velho Testamento. Todo o conhecimento secreto que Israel possuía, toda sua brilhante religião cabalística, estava cuidadosamente guardada pelo rabino Yohai e, com a sua fuga de Jerusalém, corria o risco de se perder para sempre. Ele reuniu, então, oito companheiros e revelou-lhes tudo o que guardava e o tesouro das revelações ficou registrado num livro denominado Sefer ha-Zohar.

⁴ **Rabino** ou rabí: palavra hebraica que designa literalmente “mestre” ou “doutor religioso”; ele é, na religião judaica, o mesmo que padre, na religião católica. Entretanto, o Rabino Yohai deve ser considerado daquele grupo de verdadeiros mestres, sábios cabalistas, dedicados ao aspecto esotérico e iniciático da religião de Moisés ou judaica, bem como do Velho Testamento bíblico.

O Cristianismo ensinado por Jesus a seus discípulos nasceu na mesma vertente da Cabala e dos ensinamentos esotéricos essênios. A influência essênica no sistema cabalístico-esotérico de ensinamento de Jesus foi tão grande que os judeus contemporâneos a ele deram aos grupos por ele formado o nome de Jessênios, ou seja, essênios do grupo de Jesus. Os fariseus inimigos de Jesus e dos essênios, quando queriam se referir ou aos seguidores do bom Mestre, ou aos seguidores dos essênios, denominavam-nos por um só nome: *os do Caminho*, conforme verificamos em Atos dos Apóstolos, cap. 9, versículo 2.. Esse nome dado aos essênios e primeiros seguidores de Jesus deve-se ao fato de que os primeiros denominavam os seguidores de seu ensino de *os do caminho do deserto*, o que interpretavam como aqueles que aceitavam a Toráh (as leis de Moisés anotadas nos cinco primeiros livros do Velho Testamento) tal como ela foi aceita e seguida pelos judeus da época da saída do Egito, ou seja, na época em que eles peregrinaram pelos *caminhos deserto* por quarenta anos, até chegarem à terra prometida, à Canaã. Também os seguidores de Jesus possuíam muita ligação com João Batista, essênio e profeta que de si mesmo disse: *eu sou a voz do que clama no deserto, preparai o Caminho, endireitai as Sendas* (Marcos, nas suas primeiras pregações públicas, e os demais discípulos e seguidores de Jesus, deram tanta importância ao trabalho preparatório de João Batista, e aos seus ensinamentos proféticos proferidos no *deserto*, quase todos retirados do livro e da tradição do profeta Isaías, que acabaram recebendo também a denominação de *os do Caminho*.)

Também nessa nossa atual época, o que distingue os esoteristas daqueles que seguem as religiões exotéricas é o fato de os primeiros se colocarem prontos para *percorrerem a Senda ou o Caminho iniciático*, buscando alcançar a verdade e a luz, enquanto que os segundos apenas se inebriam com os aspectos emocionais, históricos e externos das religiões, ficando estacionados na fé, sem, contudo, avançarem em direção a essa verdade e a essa luz. Quanto a isto Jesus disse no Evangelho Gnóstico de Tomé, dito 74: *“Há muitos ao redor da fonte, mas poucos são os que entram nela para beber de suas águas”*. Também podemos citar como marca daqueles que pretendem superar a inebriação da fé e atingir a sabedoria iniciática, essa expressão do Caminho ou Senda a se percorrer e a aplainar; tal é, por exemplo, o caso dos que, na França Medieval, desciam de Paris até aos Pirineus pelas trilhas druídicas, atravessando o norte da Espanha até chegarem à cidade de Compostela. Eles percorriam o místico, antigo e iniciático *Caminho de Compostela*, numa época em que às suas margens se instalavam os cavaleiros templários do Santo Graal, os cátaros e os druidas, prontos a mostrarem para o peregrino as fontes originais da verdadeira iniciação. Até nos dias atuais, quando à beira desse caminho não há mais templários, nem cátaros e nem druidas, suas trilhas inspiram uma estranha sensação e uma força mística inquietante e profundamente despertadora.

As antigas rotas celtas do sul da França, do norte da Espanha e de Portugal assumiram, na época medieval, o papel de Caminhos Iniciáticos, e foram preparadas pelas fraternidades acima referidas para acolherem todos aqueles que desejassem trilhar a Senda da clássica Iniciação. Quem as percorria passava pela experiência de adentrar nos Mistérios Antigos, na sua santa e belíssima câmara iniciática, recebendo dos chamados hospitaleiros de beira daquelas rotas um acolhimento semelhante, por exemplo, ao que é oferecido para o homem moderno pelos rosacruzes e maçons.

As antigas Companhias pré-maçônicas, por exemplo, no seu desejo de guardar ligações com esse passado druídico e templário da Europa medieval, ofereciam aos seus participantes as denominadas *viagens iniciáticas*, que eram provas simbólicas do percurso que o candidato à Iniciação deveria percorrer dos subterrâneos escuros da Terra aos astros e dos

astros ao Sol, fonte da luz. O viajante, nos Mistérios antigos, era um procurador, um buscador, e o objeto procurado ou buscado variava segundo cada espécie de Mistérios a ser celebrado. No caso, por exemplo, do grego Jasão, ele procurava o Velocino de Ouro, terrível façanha, perigosa e das mais difíceis, que demandava fazer uma longa *viagem* por águas de mares desconhecidos; depois, *havia as feras que habitavam os lugares desertos*, ermos, por onde aquele herói deveria passar em sua busca. Após jurar a um rei que buscaria o Velocino de Ouro, Jasão teve, como primeira idéia, ir até Dodona para perguntar ao Carvalho Falante *qual o melhor Caminho a ser seguido*. Junto a esse carvalho sagrado, o herói recebe como conselho procurar Árgus, construtor de navios, e pedir-lhe que construa uma embarcação de cinquenta remos. É com esta embarcação que ele empreende parte da busca.

O cristianismo de Jesus, apesar de bem menos mitológico do que os Mistérios acima citados, não deixou, também, de, na sua versão gnóstico-esotérica, fazer os seus discípulos empreenderem viagens ao centro da Terra, onde jazia, desde a Queda, Adão, ou, aos céus, como no caso de João do Apocalipse e de Paulo, que, segundo suas cartas, esteve no terceiro céu; esse Paulo passou também por uma *viagem* marítima, por um naufrágio, e, ao dar nas praias de uma ilha chamada Malta, numa tentativa de secar-se, acendeu uma fogueira; ao buscar gravetos para combustível, acabou picado por uma víbora. O povo local, ao vê-lo livre do veneno da serpente, recebeu-o como deus.

A fuga do Rabino Simeon ben Yohai, citado atrás como guardião dos segredos cabalistas de Israel, também foi registrada como uma viagem simbólica, que terminou numa caverna onde se despiram e permaneceram em constante oração até que foram visitados pela Presença santa de Deus. Sem entrar em pormenores quanto ao que se narra como ocorrido naquela gruta, permanece importante agora saber que tanto o rabino quanto seu filho saíram da gruta preparados para transmitirem os grandes e sagrados ensinamentos da Cabala.

Paulo, o rabino Yohai e Jesus ensinaram o Caminho que o homem deve seguir para buscar o Manto de Luz, o Velocino de Ouro, a Vestimenta Luminosa, a Redenção que lhe possibilita escapar das trevas e mudar a sua morada para o reino da perfeita claridade.

A Comunidade Jessênia também apresenta esse Caminho clássico através das Santas Instruções Universais, dentre as quais sobressaem a Cabala, o gnosticismo cristão, o hermetismo egípcio, os Mistérios Essênios, a Magia da antiga Pérsia zoroástrica e a tradição hindu, por meio da literatura vedântica, a Yoga e o Budismo esotérico.

Em se tratando da Cabala, a Comunidade Jessênia apresenta-a sob três ângulos: a Cabala rabínica, que nos apresenta um judaísmo esotérico e o pensamento original de Moisés; a Cabala essênica, que nos apresenta o ensino dos profetas e do messianismo profético bem como uma visão mais profunda dos ensinamentos de Moisés; e a Cabala cristã, voltada para interpretar esotericamente os grandes ensinamentos de Jesus e de seus discípulos.

A Cabala cristã é apresentada, na Comunidade Jessênia, principalmente na interpretação do nosso mebaquer e mestre senhor Yodachay Bilbak, judeu, ex-rabino, profundo estudioso e admirador dos essênios e da comunidade deles dita de Qumran, bem como dos achados do Mar Morto e de Nag Hammadi, este último constituindo-se num conjunto de documentos gnósticos-cristãos achados em 1945 próximos a uma localidade egípcia denominada Nag Hammadi, daí o nome da coleção. Essa localidade fica perto de um sítio arqueológico denominado Chenoboskion.

Achou-se em Nag Hammadi um conjunto de doze códices, contendo obras cristãs antigas tais como o Evangelho de Tomé, o Apócrifo de João, o Evangelho de Felipe, o Evangelho da Verdade, a Epístola apócrifa de Tiago, Livro de Tomé - o Atleta, Protennóia Trimorphe etc.

O senhor Yodachay Bilbak observou esses documentos pelo ângulo do cristianismo cabalístico dos rosacruz, em especial pelo ângulo do cristianismo do alemão Jacob Boehme, bem como pelo da própria Cabala rabínica e essênica. Ele também procurou inspiração nos ensinamentos dos cristãos gnósticos valentinianos, que elaboraram o Evangelho da Pistis Sophia, e nos cátaros e bogomilos maniqueus dos séculos X a XIV d.C.

Pareceu-nos, pelo ângulo de nossas pesquisas e buscas, que o antigo Caminho Iniciático ficou, sob a pena do senhor Yodachay Bilbak, completamente desvelado, pronto e preparado para que o ocidente possa abraçá-lo e, sob a sua instrução, buscar o Manto da Luz, o Velocino de Ouro, o Graal, a suprema Iniciação. O nosso mestre, Y. Bilbak demonstrou-nos ser aquele imenso, santo e poderoso Carvalho Falante da lenda de Jasão e o Velocino de Ouro. Nele encontramos a voz da sagrada instrução, suave e numa clareza incomparável, vasta como os oceanos, cristalina e tranqüila como as águas de um lago. Também a Cabala usa do simbolismo da árvore cujas folhas recebem as letras santas dos Mistérios celestes; essa é a sua figura central e mais destacada, para a qual os sábios rabinos dão o nome de Árvore da Vida ou Árvore das Dez Sephiroth. O cabalista aprende, ele mesmo, fazer, como na lenda de Jasão, essas folhas misteriosas sacudirem suas letras e produzirem milhares de santos diálogos, repletos de secretas instruções, e discursos muitos elevados acerca dos profundos abismos da sabedoria de Deus. No movimento rítmico do vento divino, sob as leis mânticas da Palavra de Deus, cada letra da Grande Árvore Sagrada vai emitindo o ensinamento que Adão perdeu quando se quedou e foi desligado do Paraíso.

CAPÍTULO 3

AS CINCO TRADIÇÕES INICIÁTICAS ADOTADAS PELA COMUNIDADE JESSÊNIA

Durante as lições iniciáticas da Comunidade Jessênia o candidato aos Mistérios Cristãos e Cabalísticos defrontar-se-á com as cinco correntes clássicas da Iniciação antiga, denominadas Tradições Antigas da Sabedoria Universal. Elas são a Tradição Semita, a Persa, a Egípcia, a Hindu e a Gnóstico-Cristã.

Na Idade Média essas cinco correntes eram resumidas em três tradições denominadas *Alquimia*, *Cabala* e *Astrologia*. O nome genérico dessas três ciências era o de Sabedoria Oculta. Elas eram estudadas profundamente por aqueles que desejavam ser médicos ou que aspiravam conhecer os grandes segredos da natureza humana, da natureza do universo e da natureza de Deus. As diversas sociedades iniciáticas daquela época denominavam o iniciado na Sabedoria Oculta de *Mestre do Segredo*. O *Segredo* no qual esses mestres eram versados constituía-se do conhecimento oculto acerca de Deus, dos grandes processos, virtudes e operações do universo e da natureza humana. Esse conhecimento era oriundo das Cinco Tradições que mencionamos acima.

A Tradição Semita constitui-se da Cabala e apresenta-se ao neófito como ciência secreta que detêm o segredo do Verbo de Deus, ou seja, dos sons, letras, números e mantras através dos quais Deus criou o universo, o homem e as criaturas angélicas. A Cabala é uma ciência que se dedica a estudar a força mântica e acústica da Palavra Criadora de Deus, e ensina o discípulo a manipular essa força, através da qual ele pode tocar a sua natureza, a do universo e a dos Anjos, operando, assim, a chamada Magia das Palavras, que consiste em causar operações que o leigo classifica erroneamente como milagre.

A Cabala apresenta também uma série de métodos de interpretação do texto hebraico e aramaico do Velho Testamento bíblico, que o discípulo pode realizar para descobrir o sentido profundo e esotérico das Escrituras Sagradas. Na Comunidade Jessênia esses métodos são apresentados ao neófito sem que ele precise esmerar-se no estudo do idioma hebraico; basta-o conhecer as letras, o básico de seu fonético e o significado oculta delas, o que as próprias lições proporcionarão de modo muito simples e fácil de assimilar.

Durante os textos das lições, as palavras em grego, hebraico ou aramaico serão transliteradas, terão a sua pronúncia apresentada, e os seus significados comum e o oculto demonstrados de maneira mais simples e fácil de assimilar possível. Quanto a isto o neófito não precisa se preocupar.

A Tradição Egípcia foi assimilada pelas sociedades secretas antigas, pelo cristianismo esotérico ou gnóstico, pelos filósofos e alquimistas medievais, como Hermetismo, ou seja, através do conjunto de ensinamentos de Hermes Trismegistos, grande hierofante ou mestre do Egito antigo, cujos principais ensinamentos estão disponíveis atualmente na obra *Corpus Hermeticum*. Dentre os documentos dessa obra destaca-se em especial o denominado *Poimandres*, ou *Pastor*, onde Hermes ensina sobre o Verbo ou Logos divino, ou seja, sobre a potente e criadora Voz de Deus, que tocou, no começo criacional, o vazio e gerou nele os primeiros movimentos. A Tradição Persa deixou como herança o conjunto de ensinamentos que ficou, ao longo da história, conhecida como Magia. Na antiga Pérsia, a mais ou menos

700 anos antes de Cristo, manifestou-se Zoroastro ou Zaratustra, grande hierofante do Reino da Luz, que ensinou aos povos persas uma sublime religião, cujo Deus supremo chamava-se Ormuz ou Ahura-Mazda, cercado de Sete Espíritos sublimes denominados Amesha Spenta.

Ahura-Mazda, segundo os ensinamentos de Zoroastro, é o Sublime e Altíssimo Senhor da Luz, que criou o universo usando como material de construção a substância da Luz, e adornou-o com a Sua Sabedoria e a Sua Bondade. Ao cobrir a Sua criação com a Justiça e a Verdade, Ele fez o Todo brilhar com belíssima perfeição e glória.

A principal tarefa dos discípulos seguidores de Zoroastro, profeta anunciador das obras e da existência de Ahura-Mazda, era a de aprender a utilizar-se das forças da Justiça e da Verdade para adornar o seu ser interno com o brilho da perfeição e a beleza da bondade. O conjunto de instruções que revelavam a assimilação, o domínio e a utilização dessa força é que ficou denominado como Magia. Desta forma, o Mago persa era um sábio que conhecia o segredo das forças de Deus, possuía o dom de dominá-las e realizar com elas prodigiosa transformação em si, na natureza e no universo.

A Tradição Hindu que passou para o corpo de ensinamentos da Comunidade Jessênica está principalmente baseada no budismo. Em essência, a doutrina de Buda sobre a cessação da existência perecível, repleta de dor e de sofrimento, o rompimento com a cadeia de fenômenos que constituem o corpo ilusório e mortal do homem, seus sentidos e sua mente, o diluir de suas idéias erradas acerca da natureza terrestre humana, constituem colunas do ensinamento jessênico.

As sete escolas yóguicas e o conjunto de doutrinas expostas nos Vedas também aparecem na instrução jessênica em grau menor, porém firmemente reveladas e aplicadas firmemente, de modo prático, no dia a dia dos discípulos, em suas atividades espirituais e devocionais. Dentro dessa prática aparece aquilo que podemos descrever como Kundalini Yoga, que oferecemos aos discípulos mais avançados e que dão provas de que cresceram e avançaram segura e inquestionavelmente em suas atividades espirituais, em sua dedicação e disposição.

A Tradição Gnóstico-Cristã é a raiz central e o tronco do corpo doutrinário jessênico. Ela compõe-se dos ensinamentos secretos de Jesus observados pelos olhos do mundo greco-romano e permeia todas as lições, fazendo-se presente em todos os escritos, imprimindo a sua marca em todas as instruções.

Os cristãos gnósticos constituíram, nos primeiros anos dessa nossa era, uma comunidade fechada, iniciática, que guardou os aspectos esotéricos dos evangelhos, principalmente das parábolas de Jesus, apresentando um cristianismo muito mais profundo e filosófico do que daqueles cristãos que ficaram conhecidos como a ortodoxia.

A Gnosis apresentou aos primeiros cristãos o conjunto de conhecimentos ocultos que hoje em dia constituem os principais segredos dos Rosa-Cruzes, dos Templários, dos Maçons e de muitas outras Ordens Esotéricas.

Caro amigo, como finalização do exposto nesse contato, queremos colocar as nossas instruções secretas, nossos rituais, nossos cânticos mânticos, enfim, nossos tesouros doutrinários, todos os nossos bens, ao seu dispor, com humildade e bastante disposição, consciente do ato de responsabilidade que o envolve, você decidir solicitá-los. Após esse

primeiro contato seguir-se-á outros dois, onde aprofundamos e alicerçamos os nossos laços com os candidatos a neófitos. Isto se faz necessário visto que para o candidato à nossa Iniciação possa decidir entrar em nossa Escola, precisa estar consciente plenamente desse ato, e, assim, livremente, sem nenhuma coação, ingressar no Caminho espiritual.

Que a Luz de Belém, o Cristo de Deus, irradie do seu coração repleto de forças, consolações e graças transformadoras que cobrirão você e os que lhe cercam com inquebrantável paz. Amén!

